

Notas de leitura à margem de uma Antologia¹

por

Olga Pombo

“A escola e a universidade deveriam servir para fazer compreender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais que aquele. Ao invés, fazem tudo para fazer crer o contrário. Há uma inversão de valores muito difundida pela qual a introdução, o aparato crítico e a bibliografia são usados como uma cortina de fumo para ocultar o que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarem falar sem intermediários que pretendam saber mais que ele... Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma vaga de discursos sobre si mas que continuamente se livra deles” (Italo Calvino, Porquê ler os Clássicos, definição 8²).

É nesta consideração que, a meu ver, se pode inscrever o valor de uma qualquer antologia na medida em que toda a antologia propõe um conjunto de textos fundamentais sobre um determinado tema. Não estudos críticos, não discursos de segunda mão, não comentários de comentários, mas palavras que alcançaram a excelência, a durabilidade e a clareza que fazem delas referências incontornáveis. Clássicos, textos que, como diz Calvino, “nunca acabam de dizer o que têm a dizer” (op. cit., definição 6). Ler para enfrentar a grandeza. Ler para se ligar à grandeza.

Uma questão se pode no entanto colocar. Porquê ler esses textos numa antologia e não no mundo próprio da obra de que foram recortados? Duas ordens de razões podem ser invocadas. Em primeiro lugar, razões que têm a ver com o contexto alargado do nosso tempo: a imensidão da produção escrita, a dispersão de livros e autores, o sentimento de perdição que nos leva a sentirmo-nos tontos, sem saber por

¹ Irene Borges Duarte, Fernanda Henriques, Isabel Matos Dias (orgs.), Texto, Leitura e escrita. Uma Antologia, Porto: Porto editora, 2000.

² Italo Calvino, Porquê ler os Clássicos? (trad. de José Colaço Barreiros), Lisboa: Teorema, 1994.

onde começar, por onde continuar, a terrífica concorrência da televisão que faz com que a pergunta “que devo ler” tenda hoje a ser substituída por aquela outra, bastante menos cândida, “que devo dar-me o trabalho de ler?”³ Em segundo lugar, razões que têm a ver com o contexto próximo do nosso país: a pobreza, a indigência das nossas bibliotecas, o horror das nossas livrarias universitárias (onde, num ano, se podem encontrar 100 exemplares, por exemplo, do “Contrato social” e, a seu lado, nenhum exemplar do “Ensaio sobre a origem das línguas”, do “Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens” ou das “Confissões” e isto porque, naquele ano, há um professor que está a dar o “Contrato social” e não há nenhum professor que tenha incluído no seu programa outra qualquer obra de Rousseau), a prática das fotocópias cuja exaustão afasta do contacto com o objecto livro, finalmente, o facto de a grande maioria dos nossos estudantes não saber senão uma língua estrangeira, quase sempre o inglês (e um dos valores de uma antologia é ela oferecer sempre traduções).

Antologia esta sobre o texto, a leitura, a escrita. Antologia que, como todas, é ela mesma uma leitura, a actualização de alguns textos, o esquecimento, a exclusão necessariamente de outros. Estabelecimento de correspondências, tecitura de articulações, de relações secretas, clandestinas, interditas. Desenho de uma geografia imprópria, insuspeitada. Invasão de afectos, de preferências, de afinidades, de desejos. Projecção de uma paisagem que nos habita, de um espaço mental que é o nosso.

Não se faz uma antologia para dizer o que o outro *deve* ler. Muito menos para dizer *como deve* ler. A pedagogia é um desígnio muito triste e, além do mais, ineficaz. É certo que poucos estudantes (e não só) lêem por amor à leitura. Que esses poucos aceitam com (excessiva) boa vontade sugestões sobre o que devem ler. É por isso que, pouco antes dos cálidos meses de férias, na expectativa de tardes de praia obrigatórias e escaldantes, os jornais se enchem de sugestões de leitura. Políticos, futebolistas, estrelas da *passarele*, apresentadores de televisão são então convidados a dar conselhos de leitura aos incautos leitores.

³ Cf. Harold Bloom, *O Cânone Ocidental. Os livros e a Escola das Idades* (trad. de Manuel Frias Martins), Lisboa: Temas e Debates, 1994, pp. 472-473.

Mas, a uma antologia não cabe dizer o que cada um deve ler. Quanto muito, talvez, aquilo que lemos e amámos. Mais uma vez como diz Calvino, “não se lêem os clássicos por dever ou por respeito mas por amor”⁴.

De qualquer modo, fazer uma antologia implica necessariamente escolher. E escolher segundo critérios (obviamente) sempre discutíveis. Reunir o melhor, o mais vivo, na sua imediatez, na sua complexidade, na variedade de perspectivas que o tema de cruzamento reclama: uma “polifonia . . . com diferentes registos e referências” como dizem as organizadoras desta antologia (p. 13).

No caso presente são escolhidos doze textos: nove traduções (e valerá a pena realçar o trabalho de notável cuidado e seriedade de uma equipa de onze tradutores de três línguas, o alemão, o francês e o espanhol) e três textos escritos em língua portuguesa. Nove homens e três mulheres. Dez autores vivos e dois mortos. A este propósito, permitam-me que recorde uma observação de Harold Bloom, tão divertida quanto pertinente. Apesar de reconhecer que os clássicos não são necessariamente figuras do passado, Bloom adianta que, no que toca à leitura, “confio mais nos mortos que nos vivos. Os escritores contemporâneos podem dividir-se em duas classes: os nossos amigos e os nossos inimigos. Dos primeiros somos obrigados a pensar demasiado bem e dos últimos estamos dispostos e pensar demasiado mal”⁵. Razão que, se num primeiro momento, me podia ter levado a não aceitar o amável convite para apresentar esta obra, num segundo momento, me fez reconhecer que melhor fora ser eu a apresentá-la pois que, assim, ficava desde logo garantido que era um(a) amigo(a) que o fazia.

Doze textos portanto: “textos originais” e “não menos originais comentários” nas palavras das organizadoras (p. 8), escolhidos segundo um (feliz) critério de “amplificação interpeladora” (p. 13). Textos que assumem claramente a sua opção hermenêutica. Diria mesmo *exclusivamente* hermenêutica. Devo explicar-me!

⁴ Italo Calvino, op. cit., p. 10.

⁵ Harold Bloom, op. cit., p. 472.

Ao longo da sua história, pouco a filosofia se interessou pela leitura, pelo texto, pela escrita. Tese pacífica que é por diversas vezes reiterada nesta antologia. Por Samuel Ijsseling⁶, por Jean Louis Galay⁷ que chega mesmo a definir a filosofia como “um pensamento suspenso sobre o impensado da obra, quer dizer, do texto”⁸. O próprio estudo de Maximilian Scherner que ocupa toda a II parte da antologia⁹, faz menos a história do conceito de texto do que a história da sua *ausência*. Conceito que, como mostra o autor, só emerge no século XVIII (com uma primeira epifania na Poética de Opitz em 1624) e só com Schleiermacher acede a uma ampla tematização. Trata-se obviamente de uma tese que comporta algumas (grandes) excepções - Samuel Ijsseling reconhece algumas, St. Agostinho para a *leitura*, Hegel para a *escrita* e Husserl para o *texto*, e não refere outras de decisiva importância, como Platão, Leibniz, Spinoza, Rousseau ou Nietzsche - mas que não deixa por isso de constituir uma descrição adequada da situação de esquecimento a que (com algumas grandes excepções) a filosofia historicamente votou o texto, a leitura, a escrita.

Sabemos que situação é hoje em tudo diversa, que, ao invés, a filosofia do nosso século passou a dedicar grande atenção à escrita, ao texto, à leitura. Dois acontecimentos decisivos podem ser apontados para explicar este facto. Um, no início do século: a constituição das Ciências da Linguagem (A Linguística de Saussure e a Semiótica de Peirce). Outro terminal, que se desencadeia no crepúsculo do século XX e na aurora do Século XXI. Referimo-nos ao fim da era guttenbergiana, ao ínicio da galáxia cibernética, ao pressentimento das grandes transformações que a hipertextualidade introduz enquanto abertura infinita do texto, potenciação dos processos de leitura e de escrita, reforço da sua tradicional indissociabilidade. Com o hipertexto, toda a leitura é inevitavelmente um acto de escrita.

Ora, esta atenção que é hoje dedicada ao texto, à leitura, à escrita, materializa-se, segundo creio, em três grandes paradigmas. Em primeiro lugar, na linha da tradição

⁶ "Husserl: ler e Escrever. Sobre Textos" (trad. de Pedro M. S. Alves e Manuela Neves), pp. 29-46.

⁷ "Intertextualidades e Poética do Texto Filosófico" (trad. de Maria do Rosário Barros), pp. 231-247.

⁸ Jean-Louis Galay, op. cit., pp. 233.

⁹ "Texto. Subsídios para a História do Conceito" (trad. de Helder Lourenço), pp. 125-181.

exegética, a *hermenêutica*, inspiração fundamental desta antologia. Os textos de Gadamer, Ricoeur e Felix Duque¹⁰ aí estão para o demonstrar. Em segundo lugar, a *Teoria da Literatura*, enquanto forma de pensar a transformação dos modos de escrita sobretudo a partir de Mallarmé, que não aparece nesta antologia (embora os seus principais teóricos, Barthes, Todorov, Blanchot, Paul de Man sejam referidos no *Prefácio* e/ou na *Bibliografia* e autores como Ingarden e Greimas sejam assinalados no referido estudo de Maximilian Scherner¹¹). Finalmente a *Gramatologia*, programa de Derrida que não surge aqui como modelo alternativo mas tão só como exemplo de intertextualidade.

E este é talvez o aspecto mais controverso desta antologia. O que está em causa não é o programa de Derrida não estar presente. Como vimos, também não é incuído nenhum texto da área da Teoria da Literatura. As organizadoras da antologia têm todo o direito de optar por uma perspectiva hermenêutica. O que está em causa é o facto de Derrida aparecer como mera ilustração do trabalho de intertextualidade. Não se trata portanto de ignorar Derrida ou de não o contemplar mas de lhe não reconhecer o estatuto de modelo alternativo. Coisa de que, curiosamente, o próprio Gadamer da conta, no texto de sua autoria inserto nesta antologia, ao referir a célebre polémica que travou com Derrida¹².

Uma opção hermenêutica, portanto, claramente assumida. Posição que se traduz numa proximidade fundamental a Ricoeur. Como declaram as organizadoras no *Prefácio*, “assumimos a posição ricoeuriana de que a interpretação de um texto se faz no interior da dialéctica entre explicação e compreensão”¹³.

Na verdade, o texto de Ricoeur intitulado “Elogio da Leitura e da Escrita” - texto que reúne três magníficas qualidades de brilho, clareza e rigor - é talvez o texto paradigmático desta antologia. Ele oferece ao seu leitor uma quase comovida defesa

¹⁰ Respetivamente, “Texto e Interpretação” (trad. de Irene Borges Duarte e Maria Antónia Pacheco), “Elogio da Leitura e da escrita” (trad. de Fernanda Branco e Richard Furtado) e “A pele Humana da Palavra. Uma visão da Hermenêutica” (trad. de Irene Borges Duarte), pp. 63-94, 47- 60 e 95-105.

¹¹ M. Scherner, pp. 158-162.

¹² Cf. Hans Georg Gadamer, *op. cit.*, pp. 66 e segs.

¹³ Irene Borges Duarte, Fernanda Henriques, Isabel Matos Dias (orgs.), *op. cit.*, p. 11.

da escrita. Mais do que simples mudança de meio, mais do que mero desvio de exterioridade, Ricoeur esforça-se por mostrar que a escrita não é alienação em relação à voz, perda de reciprocidade dialógica, condenação ao emudecimento da letra, sintoma de separação, de desigualdade, de dissilumeração, como querem esses majestosos “adversários da escrita” que são Platão e Rousseau (cf. p. 49 e segs.). A escrita é antes a própria realização do discurso que, já na voz, aspira à escrita a qual, por isso, mergulha no frágil sopro da fala as suas raízes primitivas (cf. pp. 52-54). A escrita é antes “alargamento do poder de dizer” (p. 51), “tripla libertação” (p. 52), libertação em relação ao locutor (o dito deixa de coincidir com a intenção de dizer), em relação ao interlocutor (o texto oferece-se a um público universal), em relação ao contexto imediato (o texto adquire a densidade do Mundo). Reconhecimento pois da leitura como operação em que o texto escrito se cumpre e consuma (cf. p. 55).

Texto que abre necessariamente para outros textos. A estante, a biblioteca, a citação, a referência explícita ou implícita, a refutação, a correcção, o desenvolvimento. Somos assim remetidos para a III parte desta antologia justamente dedicada ao tema das “Intertextualidades”. Cada *escrita* remete para outras escritas, cada *texto* é um feixe de reenvios, aprender a *ler* é tornar-se familiar com uma literatura, com uma biblioteca inteira. As organizadoras incluem aqui dois grupos de textos. Um de tematização do próprio conceito de intertextualidade (é o caso dos textos de Labarrière e Jean-Louis Galay¹⁴). Outro de exemplos de intertextualidade. Aqui que se inserem os textos de Derrida¹⁵, leitura célebre de Rousseau enquanto momento decisivo do logocentrismo acompanhado de uma introdução de Fernando Belo que, justamente, sublinha a especificidade da intertextualidade praticada pela leitura desconstructora de Derrida), de Maria Lúcia Lepecki¹⁶ que faz uma leitura de “o Jardim sem limites” de Lídia Jorge e um último de Maria Filomena Mölder¹⁷, texto este que ostenta de forma

¹⁴ Respetivamente, “Textos sobre texto ou como silenciá-lo?” (trad. de Isabel Matos Dias) e “Intertextualidades e poética do texto filosófico” (trad. de Maria do Rosários Barros), pp. 185-192 e 231-247.

¹⁵ “O exorbitante. Uma questão de método” (trad., introdução e notas de Fernando Belo), pp. 193-206).

¹⁶ “Da performance como retórica (e vice-versa)”, pp. 207-220.

¹⁷ “Monumentos votivos”, pp. 221-230.

exemplar a intertextualidade que cada texto tem como seu destino. Leitura em três estratos: Filomena Mölder leitora de Colli por sua vez leitor de Nietzsche.

Nenhuma escrita vive sozinha, fechada sobre si própria. Nenhum texto existe isolado. Um texto é sempre um nó numa rede, um ponto de costura numa pluralidade de p(l)anos que ele tece e nele se tecem.

O leitor – esse – desloca-se na intermitência da linha, na superfície da página, no volume dos folios, desliza por entre sucessivas ondas de significação, num oceano de continuidades, de surpresas também, de espanto, de liberdade.

O leitor – esse – navega numa totalidade combinatória, caleidoscópica, irradiante, infinitamente aberta.